



**ISSN: 2175-5493**

**VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO**

27 a 29 de novembro de 2006

---

**POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRAJETÓRIAS GERACIONAIS: PRIMEIROS  
RELATOS DA PESQUISA EM VITÓRIA DA CONQUISTA -BA**

Lívia Diana Rocha Magalhães  
(UESB)

**RESUMO**

Neste texto apresentamos os primeiros relatos de um dos recortes do projeto de pesquisa sobre a Educação em Vitória da Conquista: seus sujeitos, representações e materiais levados a cabo por uma equipe multidisciplinar do Museu Pedagógico da UESB. Trata-se de uma discussão preliminar sobre a origem e a transformação dos tempos sociais com relação à educação e/ou aos sistemas educativos. Começamos a pesquisa rastreando as escolas secundárias existentes na cidade de Vitória da Conquista no período. Depois passamos a inventariar as pastas dos alunos, para estudar os grupos geracionais de nascidos entre os anos de 1922 a 1948 e alunos da escola secundária, no caso, ginásial, entre os anos de 1936 à 1960.

**INTRODUÇÃO**

Neste texto temos a tarefa fundamental de expor os primeiros relatos de um dos recortes do projeto de pesquisa sobre a “Educação em Vitória da Conquista: seus sujeitos, representações e materiais” levado a cabo por uma equipe multidisciplinar do Museu Pedagógico da UESB. Trata-se de uma discussão preliminar sobre a origem e a transformação dos tempos sociais com relação à educação e/ou aos sistemas educativos. Tomando como base o que afirma Sandoica (2004, p.10):



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

Los fundamentos de la historiaria, se han ido haciendo más dispares y complejos a lo largo de la segunda mitad del siglo XX. Al contacto poliédrico con las ciencias sociales, sus fronteras se han ido desplazando y abriendo sucesivamente, dejando que penetren en la historia disciplinas limítrofes, con sus procedimientos desiguales y sus técnicas variadas [...].

Mais do que isso, trata-se de uma “nova representação do tempo social”, com a abordagem oferecida pelo tempo histórico dos Annales, segundo os quais “a história tomou conhecimento das ciências sociais que emergiam, da sua percepção do mundo humano com outra temporalidade” e, assim, “A prática da interdisciplinaridade exigiu uma outra representação do tempo dos homens”. (REIS, 200, apud BRAUDEL, 1969 e BURGUIÈRE, 1979, p.30).

No entanto, se nos apoiamos nessa “dialética da longa duração” em cujo epicentro está a representação do tempo humano, sobretudo, consideramos, com base em Netto (2000, p.57), citando Marx, que é pouco provável que a produção da vida material não seja o ponto de partida para análise teórica desse movimento social.

Com essa afirmação, pretendemos recorrer aos argumentos das teses sobre a “coetaneidade” e da formação de “cortes geracionais”, que tomamos como análise na nossa principal linha de pesquisa, para estudar sobre os “extratos” geracionais que tiveram acesso ao curso secundário nos finais dos anos de 1930 e início dos anos de 1960, em Vitória da Conquista-Ba, com o objetivo de analisar a que e a quem a escola estava destinada, a que finalidade respondia, com base na idéia da formação geracional, evidenciado por aquele e no atual devir histórico.

Cabe ressaltar que, aqui, o termo geração é carregado de múltiplos sentidos. No entanto, e para efeito de nosso estudo, apenas vamos tratar do que há de mais consensual, ou seja, o sentido de que uma geração se

constitui pelo fato de pertencer a uma comunidade de nascidos no mesmo ano ou em anos próximos e, conseqüentemente, participarem de certa posição de igualdade dentro do âmbito histórico e de certas formas de vivência e pensamento, sem desconsiderar-se sua “estratificação de vivências”. (MANNHEIM, 1993).

Nessa perspectiva, incorporamos, particularmente, a definição de Ryder (1965, p.844), segundo o qual uma coorte é um grupo de “pessoas que nascem no interior do mesmo intervalo de tempo e conseqüentemente envelhecem juntas”, para tomar como espelho a definição de “coorte geracional” subtraída dos conceitos de Ryder e Mannheim, sintetizada por MAGALHÃES como “um conjunto de pessoas tendo mais ou menos a mesma idade, mas cujo critério de identificação reside nas experiências históricas comuns vividas, a partir das quais lhes permitem o acesso a uma visão comum do mundo” (p.23) ou a experiências mais ou menos comuns, que, em geral, tendem a carregar ao longo do tempo da suas vidas.

Assim sendo, estamos considerando que os alunos que compartilharam uma mesma escola, sob a égide de uma mesma estrutura jurídico-política educacional e, ao mesmo tempo, também tiveram acesso a materiais, métodos, professores e valores, enfim, a um “mesmo tipo” de educação, possivelmente devem ter formado certa consciência coletiva singular, que os distinguem como uma geração. Não nasceram, viveram e testemunharam os mesmos acontecimentos históricos conjunturais e educacionais, mais ou menos em um mesmo estágio de vida? Não foram escolarizados sob a égide da mesma conjuntura histórica? De uma dada política e reforma educacional?

Como atravessaram os seus anos juvenis sob uma conjuntura educacional, nacional e regional de rápida e continua aceleração do processo urbano-comercial, sob o signo da industrialização e de

democratização social e política do País? Que gerações foram essas que alcançaram a escola pós-primária, entre o final dos anos de 1930 e o final dos anos de 1950, considerando a escassez de oferta de escolas de nível secundário no Brasil, em Vitória da Conquista e região?

A pesquisa vai se desenvolvendo, todo o tempo, sem perder de vista que a educação regional deve estar inserida no campo mais vasto da Educação Brasileira e as regras de constituição das nossas escolas e de suas transformações devem estar em função do panorama social que a circunda ou a circundou, em sua conexão com Política educacional e conjuntura da época.

Trata-se de uma pesquisa que toma as fontes documentais escolares como estudo e seu posterior cotejamento com outras fontes: orais, iconográficas etc., como referência para a análise da trajetória escolar dos então alunos das escolas secundárias em Vitória da Conquista-Ba.

As nossas indagações anteriores se situam a partir de documentos e homens reais que correspondem a uma geração de alunos nascidos entre os anos de 1920 a anos finais de 1940. Quais foram os reflexos dessas políticas sobre uma parte dessa população de jovens do passado e adultos sessentões e oitentões atuais?

Começamos a pesquisa rastreando as escolas secundárias existentes na cidade de Vitória da Conquista no período. Depois passamos a estudar os documentos e seguir suas pistas para acompanharmos as trajetórias dos seus alunos. A partir dos documentos até agora rastreados, agrupamos, para efeito de nosso estudo, os grupos geracionais que começaram ou terminaram o curso ginásial entre os 14 a 17 anos de idade, portanto, tinham nascido entre os anos de 1922 a 1948. Tomamos, como parâmetro, o fato de que a primeira escola secundária ginásial de Vitória da Conquista começou sua primeira turma em 1939 e que os seus alunos, segundo a

reforma da escola secundária, conforme apresentamos mais abaixo, deveriam cursar o ginásio entre 11 e 14 anos, mas, no entanto, uma maioria de alunos, dentre os outros que ingressaram no ginásio na idade certa, começou ou concluiu esse curso com 15 a mais anos de idade.

Observa-se que são gerações que viveram seus anos juvenis durante um período de entre e pós-guerras mundiais; processos de urbanização e “democracia política” e dos “tempos” áureos da escola secundária. O que quer dizer, de um período, que vem acompanhado de discussões e reformas educacionais que confirmam a escola secundária como um importante aporte social.

Naturalmente, tais fenômenos conjunturais não incidem de maneira homogênea, em decorrência principalmente da situação de classe, entre outras, como região, gênero, etnia, etc. No entanto, a política educacional de uma nação tende a refletir sobre uma geração e incidir sobremaneira sobre os seus destinos.

Delimitamos o recorte a partir dos alunos, do curso chamado secundário, considerando que a maior parte dos alunos estava ingressando nos seus chamados anos juvenis, no início ou conclusão do curso ginásio e, logo, deveria continuar os estudos no curso secundário clássico ou científico, do ponto de vista do dever ser, e, portanto, se constituindo como “novos portadores de cultura”, para lembrar Mannheim (1993).

No caso do estudo em pauta, são jovens que estão ingressando ou concluindo o chamado curso secundário, no caso, o ginásio, o que significava, na época, um importante valor social, um “capital cultural” fundamental para a manutenção, continuidade ou ascensão social.

Cabe recordar que esses coetâneos viveram um tempo geracional em que ocorreu a superação do ensino como “exames”. O ensino secundário, até o final da década de 1920, constituía-se, predominantemente, de

exames preparatórios e de exames parcelados para o acesso ao curso superior. Portanto, é uma geração escolar herdeira da Reforma Francisco Campos que institui a seriação para todo o curso secundário oferecido no País e, mais precisamente, da Lei Orgânica do Ensino Secundário: Decreto-Lei 4.244 de 9 de abril de 1942, que institui o curso secundário de um primeiro ciclo, com 4 séries e de um segundo ciclo, composto pelo curso clássico ou científico, uma opção ou outra, com 3 séries. Para a admissão no curso secundário, essa mesma Lei acentua, no capítulo V, que o aluno, para matricular-se, necessita apresentar prova de que não é portador de doença contagiosa, apresentar atestado de vacinação, e, continua, no artigo 32:

a) ter pelo menos onze anos, completos ou por completar até o dia 30 de junho e ter recebido satisfatória educação primária;

b) ter revelado, em exames de admissão, aptidão intelectual para os estudos secundários;

No capítulo VI “Dos exames de admissão”, a lei instrui que esses exames poderão se realizados em duas épocas, dezembro e fevereiro. Cobra as exigências do artigo 31 e 32 (anteriormente citados) e ressalta, nos parágrafos 2º e 3º, respectivamente: que em caso do aluno não ser aprovado em primeira época, o mesmo poderá inscrever-se na segunda época, mas não pode, na mesma época, repetir os exames em outros estabelecimentos.

Portanto, as “gerações escolares” em estudo, são os protagonistas dos tempos dos exames de acesso ao ensino secundário e de seus tempos áureos. Na exposição de motivos da Lei Orgânica do Ensino Secundário, o Ministro de Educação Gustavo Capanema, exalta e situa o estado do ensino secundário da época:



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

O sistema vigente de ensino secundário data de 1931. Dentre as vantagens que deles provieram para a educação no país é de notar antes do mais a concepção que lhe serviu de base, isto é, a afirmação do caráter educativo do ensino secundário, em contraposição à prática então reinante de considerá-lo como mero ensino para os cursos do ensino superior [...] Dessa concepção decorreu um corolário de importância fundamental: a metodização do ensino secundário, isto é, a seriação obrigatória de seus estudos e a introdução nesses estudos de uma disciplina pedagógica [...] Representa por outro lado, significativo resultado da legislação ora em vigor ter facilitado a generalização do ensino secundário, antes ao alcance de poucos, a todos os pontos do país. Havia no Brasil, em 1931, menos de duzentas escolas secundárias, hoje essas são quase oitocentas.

E distinguindo a função da escola primária da escola secundária, o então ministro prossegue:

O ensino primário deve dar os elementos essenciais da educação patriótica. Nele o patriotismo, esclarecido pelo conhecimento elementar do passado e do presente do país, deverá ser formado como um sentimento vigoroso, como um ato de fervor de indissolúvel apego e é indefectível fragilidade para com a pátria [...] Já o ensino secundário tem mais precisamente por finalidade a formação da consciência patriótica [...] É que o ensino secundário e destina a preparação das individualidades condutoras, isto é, dos homens que deverão assumir as responsabilidades maiores dentro da sociedade e da nação, dos homens portadores e atitudes espirituais que é preciso infundir nas massas, que é preciso tornar habitual entre o povo [...].

Portanto, os grupos geracionais em estudo receberam, de um passado relativamente recente, importantes iniciativas que vinha ocorrendo desde os anos de 1930, na área educacional e, sob a atmosfera de importantes nuances de desenvolvimento econômico e político, urbano-



**ISSN: 2175-5493**

## **VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO**

27 a 29 de novembro de 2006

---

comercial e industrial. A título de registro, lembramos que esse nível de ensino, depois do Estado Novo, seguiu recebendo atenção e cuidados, como pode ser visto na Portaria número 375 de 16 de agosto de 1949, emitida pelo Ministro de Educação Clemente Mariani e, depois, compatibilizada com a portaria ministerial nos 501 de 1952 (apud NÓBREGA, s.d), em que se encontram exigências minuciosas de infra-estrutura, como o modelo que vinha desde o Colégio Pedro II.

No entanto, de fato só vamos ter a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que unifica o ensino primário e secundário, com a 4.024 de 1961. Nessa perspectiva, certamente é muito diferente pertencer a uma população de jovens que estudou nos anos de 1940, 1950 etc., do que a uma população de jovens que tem acesso à escola no tempo presente mais próximo e atual.

Então, perguntamos: quais foram os reflexos da Política Educacional expressa na lei em curso sobre um “geração de alunos”? Eles continuaram estudando até o curso clássico ou científico? Onde estão essas gerações que tiveram acesso à escola secundária e, até mesmo, ao ensino superior, e que registros encontramos sobre suas trajetória em Vitória da Conquista, Região e o País? Quem foram os seus beneficiários? Quais são as suas conseqüências sobre o futuro, o passado próximo ou o presente atual das suas “gerações” e das gerações atuais? De fato, a escola secundária e essas gerações, cumpriram a função estabelecida de “individualidades condutoras”? Quais foram as conseqüências geracionais dessa condução da educação secundária pelo Estado Brasileiro, naquele momento e no presente e passado recente?

Se cada geração é determinada pela mutante conjuntura histórica que lhe proporciona determinadas características educacionais, é possível que as fontes documentais escolares pessoais, possam sinalizar modelos



importantes para se analisar as principais características dos grupos geracionais que freqüentaram a escola nesse dado período da história, tomando como base o passado e as suas trajetórias, até os dias mais atuais. Isso significa que partimos da documentação e depois seguiremos em direção aos sujeitos que estão presentes na sociedade atual, como adultos e/ou seguiremos seus rastros e registros de diversas naturezas (biográfico, administrativo-político etc.), para responder como ocorreu a escola, qual foi e como têm ocorrido continuidades, permanências e/ou mudanças no seu papel perante o movimento de nossa sociedade, tomando como base o estudo de certas gerações escolares do passado.

Nessa perspectiva, as características educacionais da população escolar de uma época, em sua incidência regional, poderão apresentar informações importantes sobre a educação que, de fato, ainda era de poucos. Parece-nos importante o registro da trajetória geracional de estudantes brasileiros, conquistenses que viveram seus anos formativos no período em pauta, considerando que, então, também a cidade de Vitória da Conquista se tornara, efetivamente, um importante núcleo de exaltação do desenvolvimento urbano e de uma política econômica cujo paradigma se centrara na produção agropastoril e na circulação de bens e mercadorias industriais e de consumo comercializáveis. Desta forma, tudo indica, se transformara em um pólo de educação secundária, primeiro com a criação de cursos ginasiais, e logo depois de cursos científicos e colegiais e, também, de cursos profissionais na área comercial e normal.

Feitas essas observações, passemos, a seguir, a situar o estágio da pesquisa e situar os temas que estão se evidenciando pelos documentos contidos nas pastas dos alunos.

b) O estágio exploratório da Pesquisa documental:



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

Dentre as escolas secundárias que foram criadas entre pelo menos os anos finais de 1930 e os anos de 1946, apenas uma, o Instituto Euclides Dantas, chamada de Escola Normal era pública e funciona até os dias atuais, as outras: Ginásio de Conquista, denominado de Ginásio do Padre; O Ginásio Batista e a Escola profissional Edvaldo Flores, foram extintas. Escolhemos, como base inicial de estudo, como ressaltamos acima, o Ginásio de Conquista, a nossa primeira escola secundária ginasial. (1939).

Começamos inventariando os documentos dos alunos da escola no período mencionado (1939-1960), tomando como primeira tarefa o registro de suas datas de nascimento e seu percurso, de onde provinham, em que escolas haviam estudado e em que idade prestaram o exame de admissão e estavam cursando uma respectiva série do curso ginasial. As pastas às quais tivemos acesso, até agora, já nos deram algumas pistas, entre elas: os alunos passaram pelo crivo do exame de admissão; boa parte, depois dos 11 anos de idade, sobretudo, os que vieram de outras regiões ou cidades circunvizinhas, que não foram poucos; todos apresentam, em suas pastas, um atestado de vacinação. Há uma presença maior de homens em detrimento de mulheres, no curso ginasial em estudo. Quase todos são declarados brancos, alguns poucos são declarados pardos, havendo, dentre esses casos, informações dúbias em seus documentos quanto à cor: ora pardo, ora moreno, ora branco, embora a fotografia, já gasta pelo tempo, demonstre que são “negros”.

Observa-se que, Vitória da Conquista, com a instalação de uma escola secundária, vai se constituindo como um importante núcleo urbano educacional, com a criação de unidades escolares, reunindo um amplo corpo de professores e alunos em torno da criação de escolas de nível secundário.

Considerando que o Ginásio de Conquista é a primeira escola secundária ginásial da região, e de caráter particular, há de se observar que o acesso era restrito. Dentre os documentos estudados, até agora não observamos nenhuma referência a alunos bolsistas. Logo, não é difícil concluir que tanto a população local como de fora teve acesso a esse nível de escolaridade, de acordo com as possibilidades econômicas e/ou pessoais de acesso. São alunos pertencentes a um grupo geracional, que, certamente, passa a se distinguir dos seus coetâneos pelo acesso a esse nível de escolaridade, fato que a pesquisa com as “fontes orais” e/ou biográficas poderão confirmar.

O inventário da documentação, pouco a pouco, vai retratando que um contingente significativo dos nascidos no processo de instalação da Segunda República em diante, em idade escolar, para o ensino secundário, não constitui, em sua maioria, em herdeiros de uma política de democratização de acesso ao ensino, secundário, no caso, o ginásial.

Portanto, há o indicativo de que, de fato, as leis e os decretos pouco modificaram as bases de uma escola secundária ao alcance de poucos, permanecendo, assim, o poder da norma em um sistema de igualdades formais, com base na naturalização das individualidades e do desempenho, que na verdade, escondem o estatuto de nascimento, de classe.

As informações que colhemos e organizamos, a respeito do estado em que se encontrava a educação no País, mais ou menos dentro do período estudado, são elucidativas (IBGE, Censos Demográficos 1960). Constituímos um recorte de dados a partir dos nascidos entre 1926-1935. Considerados os dados, no entanto, a situação é lastimável: em 1950, uma parcela considerável dessa população tão somente alcança a escola primária ou elementar (95,5%). Um pouco mais de mulheres (96,7/% do que homens (94,2%) alcançam o curso primário, revelando que a maior parte das



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

crianças que viveram seus anos escolares durante os anos de 1930 a 1950, alcançam, em sua maioria, tão somente a escola primária, uma vez que somente 3,7% do contingente de jovens de 15-24 anos, em 1950, concluíram o ensino secundário no Brasil. É interessante observar que um pouco mais de homens do que mulheres galgam os níveis do ensino secundário, 4,4% e 3,1%, respectivamente. De certa forma, confirmando o que ressaltamos acima sobre as informações que colhemos nas pastas dos alunos do curso secundário ginasial, mais homens do que mulheres.

Romanelli recorrendo aos dados apresentados por FERNANDES (1966) ratifica essa afirmação, quando analisa dados educacionais do período:

Vê-se que a taxa de escolarização de nível primário abrangia, em 1950, de modo geral, mais de 50% da população escolarizável. Este nível predominava sobre os outros, o que mostra que a taxa de escolarização da população brasileira indicava uma escolaridade máxima de nível elementar naquela época. O nível médio aparece com uma proporção mínima [...] embora com algumas diferenças positivas em favor de 1950. (1988, p.81).

Tudo indica que continuava coexistindo dois projetos: o da realização da escola primária, de um lado, e o da escola secundária, de outro, e que ainda estavam longe de serem unificadas, apesar da luta dos pioneiros da escola nova em defesa da articulação do ensino primário ao secundário desde o Manifesto de 1932. O classismo do ensino secundário, sob forte privatização religiosa, na sua oferta educativa, indicava o quanto o seu acesso era seletivo. Contudo, qual é a face ou quais são as “faces” concreta(s) dessa realidade?



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

A nossa pesquisa está apenas começando, uma vez que estamos nos registros de uma das escolas do período. Continuamos buscando a trajetória desses alunos depois do curso ginásial e, ao mesmo tempo, outra equipe está buscando por meio desses registros, encontrar, na realidade concreta, onde estão esses coetâneos de homens e mulheres, os oitentões e setentões de hoje. Portanto, buscando a trajetória educacional contada por documentos públicos ou familiares, pelo próprio sujeito e pessoas da comunidade etc. Serão “seletas” as testemunhas da história da educação secundária dos anos finais de 1940 a 1950, considerando que a maioria dos componentes dessa “coorte geracional”, alcançou tão somente o nível primário?

Seguimos perguntando qual foi a trajetória desses “extratos geracionais” de homens e mulheres: continuaram estudando? Onde estão, no trabalho, na sociedade?

Não pertenceram ou pertencem a uma camada privilegiada, quanto ao acesso educacional, quando se observam os dados da realidade. Quais são os parâmetros de escola que carregaram consigo para o seu futuro adulto, familiar, político, social, profissional, e que relações mantêm ou estão presentes ainda hoje?

### REFERÊNCIAS

IBGE – Fundação Instituto Brasileira de Geografia e Estatística. Censo demográfico Brasil-Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. **Censo demográfico**-Brasil 1960 –Rio de Janeiro, 1960.

\_\_\_\_\_. **Censo demográfico**-Brasil 1960 –Rio de Janeiro, 1970.



ISSN: 2175-5493

**VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO**

27 a 29 de novembro de 2006

---

\_\_\_\_\_. **Censo demográfico**-Brasil 1960 –Rio de Janeiro, 1980

\_\_\_\_\_. **Censo demográfico**-Brasil 1960 –Rio de Janeiro, 1991.

MAGALHÃES, L.D.R. **A trajetória das gerações nascidas entre 1926 e 1975**; um perfil sociodemográfico. Campinas, 1999. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de Campinas.

MANNHEIM, K. El problema de las generaciones. Trad. Ignacio de la Yncera. In: REIS: Revista de investigaciones sociológicas. Madrid, nº 62, p. 193-224, abr/jun, 1993. Coordinación e Emilio Lamo de Espinosa. NÓBREGA, V.L. **Enciclopédia da Legislação do Ensino. v1 e 2.** Rio de Janeiro, s.d.

NETO, J.P. Relendo a teoria marxista da História. In: Os Annales: a renovação teórico-metodológica e “utópica” da História pela reconstrução do tempo histórico In: SAVIANI, D, LOMABRDI, J.C e SAFELICE, J.L (orgs.) **História e História da Educação**, Campinas (SP): Autores Associados, 2000.

REIS, J.C. Os Annales: a renovação teórico-metodológica e “utópica” da História pela reconstrução do tempo histórico In: SAVIANI, D, LOMABRDI, J.C e SAFELICE, J.L (orgs), **História e História da Educação**, Campinas (SP): Autores Associados, 2000.

ROMNANELLI, O. História da Educação no Brasil. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

RYDER, N.B .The cohort in the studey of social change. In: **American sociological Review**, v 6, p. 843-861, 1965.

SANDOICA, H.E. **Tendências historiográficas actuales**: escribir historia hoy. Madrid: Akal, 2004.